

DISCURSO DE PLATÃO E SUA RELAÇÃO COM JUNG E FRANKL

Maikom Martins de Abreu¹

Marcos Spagnuolo Souza²

RESUMO

Discute-se o caminho que Platão percorreu para formular a teoria das ideias, que se destaca em sua filosofia, também se discute a estreita relação de sua teoria com as psicologias de Carl G. Jung e Viktor E. Frankl. Partindo de Platão, exponho no primeiro capítulo a teoria das ideias e sua contextualização feita por ele através do famoso mito da caverna e das representações figuradas da primeira e segunda navegação. No segundo capítulo, falamos da psicologia analítica de Jung, que inicialmente encantado pela psicanálise de Freud, introduz a existência transcendente do Self e outras questões ignoradas pelo fundador da psicanálise, que, sob a perspectiva dos textos de Jung, insistiu em descrever o ser humano sob uma perspectiva incompleta. No terceiro capítulo, apresenta-se a logoterapia, a terceira escola de psicoterapia de Viena, sendo as outras duas a psicanálise e a psicologia individual, Frankl, semelhante a Jung, contraria Freud e sobretudo, Adler, quando apresenta a logoterapia e sua possibilidade de transcendência, introduzindo a liberdade da vontade humana acima dos princípios do prazer e poder. As teorias da psicologia analítica de Jung e a logoterapia de Frankl, possuem estreita relação com a teoria das ideias de Platão, ambas reforçando a dicotomia entre duas dimensões, e reforçando a superioridade de uma, sendo ela imensurável e que faz com que o ser humano supere as ilusões terrenas, bem como os prazeres e os seus instintos biológicos e psicológicos.

Palavras chave: sensível; inteligível; biopsíquico; transcendência; Self.

¹ Graduando do 5º período do curso de Psicologia no UNIATENAS. E-mail: maikommartins70@gmail.com

² Doutor em Filosofia da Educação – American World University. Professor Orientador da Iniciação Científica do UNIATENAS. E-mail: marcospagnuolo@uol.com.br

ABSTRACT

It discusses the path that Plato took to formulate the theory of ideas, which stands out in his philosophy, also discussing the close relationship of his theory with the psychogings of Carl G. Jung and Viktor E. Frankl. Starting from Plato, I present in the first chapter the theory of ideas and its contextualization made by him through the famous myth of the cave and the figurative representations of the first and second navigation. In the second chapter, we talk about Jung's analytical psychology, which initially enchanted by Freud's psychoanalysis, introduces the transcendent existence of the Self and other issues ignored by the founder of psychoanalysis, who, from the perspective of Jung's texts, insisted on describing the human being from an incomplete perspective. In the third chapter, the logotherapy, the third school of psychotherapy in Vienna, the other two being psychoanalysis and individual psychology, Frankl, similar to Jung, contradicts Freud and above all, Adler, when he presents the logotherapy and its possibility of transcendence, introducing the freedom of human will above the principles of pleasure and power. Jung's theories of analytical psychology and Frankl's logotherapy have a close relationship with Plato's theory of ideas, both reinforcing the dichotomy between two dimensions, and reinforcing the superiority of one, which is immeasurable and which causes the human being to overcome the ground illusions, as well as the pleasures and his biological and psychological instincts.

Keywords: *sensitive; intelligible; biopsychic; transcendence; Self.*

INTRODUÇÃO

A teoria das Ideias de Platão, figura-se como o principal tema abordado pelas suas investigações filosóficas. Nesse trabalho, utilizamos o método de revisão bibliográfica, estudos de artigos científicos e livros dos respectivos teóricos. Nela, o filósofo apresenta o conceito de *ideia*, que remete a uma dimensão metafísica, imaterial, e que, por sua vez, dá origem ao mundo material

percebido pelos sentidos. O objetivo, além de expor essa teoria, é o de relacioná-la as teorias psicológicas de Carl G. Jung e Viktor E. Frankl.

As realidades, sensível e inteligível, são representadas na filosofia platônica por diversas figuras de linguagem, entre as quais se destacam os conceitos de primeira e segunda navegação, e, principalmente, o mito da caverna. A intenção de nosso filósofo é estabelecer uma clara separação entre as duas realidades, e afirmar a superioridade da realidade metafísica, sendo esta a que carrega consigo a Verdade em si.

De semelhante modo, a teoria psicológica de Jung, salienta que o ser biopsíquico, descrito amplamente por ele e entendido como a parte do ser humano que é influenciada pela mente consciente, e, principalmente, pelo inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. O inconsciente coletivo, por sua vez, é formado pelos arquétipos, que são representações mentais formuladas pela humanidade no decorrer de sua história. Esses arquétipos influenciam o ser humano sem que este os perceba, afinal eles são inconscientes, fazendo com que a pessoa fique à mercê dessa influência, aprisionado pelas imposições dos arquétipos. No entanto, nosso teórico apresenta um arquétipo presente no ser humano, que tem o nome de Self ou Si- mesmo, ele diz respeito ao inconsciente espiritual, onde o inconsciente coletivo não exerce influência por serem de naturezas distintas. Portanto, Jung deixa claro que, o Inconsciente coletivo diz respeito aos condicionantes propriamente terrenos, aos instintos psicológicos e a busca dos prazeres; em contrapartida, o Self, diz respeito a uma realidade superior, se destacando do inconsciente coletivo. O Self, é onde mora a capacidade humana de transcender aos condicionantes biopsíquico e viver uma realidade diferente. Jung dirá que o Self é uma estrutura inerente ao ser humano, que pode emergir dentro do ser por meio do autoconhecimento, e que ao emergir passa a direcionar a pessoa em direção ao autoconhecimento e a uma percepção superior a respeito do mundo e das pessoas. Assim, fica claro que, Jung também estabelece duas realidades distintas dispostas ao ser humano, sendo uma delas superior a outra e que necessita de esforço para ser explorada.

Frankl, por sua vez, contemporâneo de Freud e Adler, que viveu nos campos de concentração nazistas, questionou a ontologia apresentadas pelas correntes teóricas da época que davam explicações as neuroses. Decidido a

contrariar o senso de que o homem estava encerrado nos dilemas biológicos e psicológicos, Frankl postula, a partir de seus estudos e suas vivências, que há no ser humano uma liberdade de escolha que o impele a uma realidade transcendente, baseada na sua busca por sentido. Segundo Frankl, o ser humano possui uma dimensão inata em si, que é a dimensão espiritual, sendo esta a que o direciona a busca de sentido, que garante a sua liberdade da vontade e o habilita a superar até mesmo os campos de concentração nazistas para alcançar seu sentido de vida. Para Frankl, nada supera a liberdade da escolha, nem mesmo o condicionamento biopsíquico apresentados pela psicanálise freudiana e a psicologia adleriana.

Desse modo, fica explícito que os três teóricos apresentados estabelecem uma dicotomia entre dois planos, sendo que o primeiro plano se referem ao mundo sensível, palpável, que condiciona e limita o ser humano; já o segundo plano, diz respeito a uma realidade metafísica, inteligível, transcendente, onde o ser humano é livre dos condicionantes da outra realidade.

PLATÃO E A TEORIA DAS IDEIAS

Não restam dúvidas de que a conquista do mundo suprassensível, por meio da Teoria das Ideias, empreitadas por Platão, foi um marco na história da filosofia. Partindo desse pressuposto, irei expor, por meio desse artigo as contribuições do nosso filósofo grego e a dicotomia central que sua teoria nos apresenta.

Durante a investigação sobre a filosofia platônica, percebe-se que sua fundamentação é a Teoria da Ideias, elas são entendidas por nosso filósofo da seguinte forma, conforme Giovane Reale (2014, p. 61-62):

Platão entendia por “Ideia”, em certo sentido, algo que constitui o objeto específico do pensamento, para o qual o pensamento está voltado de maneira pura, aquilo sem o qual o pensamento não seria pensamento: em suma, a Ideia platônica não é de modo algum um puro ser de razão e sim um ser e mesmo aquele ser que é absolutamente, o ser verdadeiro.

Além disso, convém notar o seguinte. Os termos *ἰδέα* e *εἶδος* derivam ambos de *ἰδεῖν*, que quer dizer “ver”. Na língua grega anterior a Platão, eram empregados sobretudo para designar a *forma visível das coisas*, a forma exterior e a figura que se capta com o olhar, portanto, o “que é visto” sensível. Sucessivamente *ideia* e *eidos* passaram a indicar, por transferência, a forma *interior*, ou seja, a *natureza específica* da coisa,

a *essência da coisa*. Esse segundo uso, raro antes de Platão, torna-se estável na linguagem metafísica do nosso filósofo.

Portanto, Platão fala de *Idea* e de *Eidos* sobretudo para indicar essa *forma interior*, essa *estrutura metafísica* ou *essência* das coisas de natureza puramente *inteligível* (e usa como sinônimos também os termos *ουσία*, isto é, substância ou essência, e até *Φύσις*, no sentido de natureza inteligível, realidade íntima das coisas (REALE, 2014, p. 61-62).

Essa concepção das Ideias, refere-se a figura metafísica, diferentemente do uso anterior a Platão no qual se empregava o significado a forma física do objeto citado. Aqui falamos da essência da coisa citada, referindo ao que é de fato e não como se apresenta empiricamente.

Essa concepção só foi possível porque Platão, partindo da investigação sobre a natureza (*primeira navegação*), a constata insuficiente e desprovida da Verdade, portanto faz um novo empreendimento (*segunda navegação*), veja o que Platão diz:

Ora, eu, de bom grado, me tornaria o discípulo de alguém que me ensinasse quais são as operações desse tipo de causa. Mas visto que isso me foi negado e não fui capaz de, por minha própria conta, descobri-lo ou aprendê-lo de outra pessoa, gostaria que te apresentasse uma de como, a título de uma segunda tentativa², empenhei-me com a investigação da causa, Cebes?

Eu o desejaria sumamente, ele disse.

Após essa fase, ele disse, tendo eu renunciado a investigar as coisas existentes, ponderei que era necessário acautelar-me para não padecer a experiência dos que contemplam o sol e o observam durante um eclipse. De fato, algumas pessoas destroem os olhos a menos que observem a menos que observem a imagem do sol na água ou na superfície de algum outro material desse tipo. Pensei em algo semelhante a isso e receei que minha alma fosse cegada se eu olhasse as coisas com meus olhos e tentasse apreendê-las mediante qualquer um de meus sentidos. Concluí que devia me refugiar no discurso racional e sondar a verdade das coisas existentes recorrendo à discursão. (PLATÃO, 2015, p.252).

Essa “investigação sobre a natureza” é chamada de “*primeira navegação*”. A “*primeira navegação*”, para o nosso filósofo, corresponde as investigações, acerca da “causa” das coisas, feitas até então através dos sentidos, pelos filósofos naturalistas. Sendo esta insuficiente, Platão julga essencial uma “*segunda navegação*”, não utilizando os sentidos, mas, a razão (PLATÃO, 2015). Os termos de “*primeira*” e “*segunda navegação*” foram tirados da linguagem marítima da época, nesse aspecto Giovane Reale nos esclarece que:

A “*primeira navegação*”, feita com velas ao vento, corresponderia àquela levada a cabo seguindo os naturalistas e o seu método; a

“segunda navegação”, feita com remos e sendo muito mais cansativa e exigente, corresponde ao novo tipo de método, que leva à conquista da esfera do suprassensível. As velas ao vento dos físicos eram os sentidos e as sensações, os remos da “segunda navegação” são os raciocínios e os postulados: justamente sobre eles se funda o novo método (REALE, 2014, p. 52-53).

A “segunda navegação” é, portanto, a investigação racional empreendida por Platão, capaz de apreender a dimensão metafísica, suprassensível.

Se por um lado, a investigação empírica produz ofuscamento do conhecimento, a investigação por meio da razão apreende as Ideias, a verdade das coisas, “para Platão há uma conexão metafísica entre a visão do olho da alma e o objeto em razão de ser, o objeto visto intelectual, ou seja, a Ideia” (REALE, 2014, p.63).

Isso nos dá um panorama da formação da dicotomia citada acima, que consiste na oposição de dois mundos, sendo eles, sensível (que corresponde a primeira navegação, ao mundo físico, visível) e inteligível (que corresponde a segunda navegação, ao mundo das Ideias, metafísico).

Ora, para Platão, a Verdade consiste nas Ideias apreendidas do mundo inteligível, pela alma; enquanto no mundo sensível temos imitações do mundo real, sendo elas participantes do mundo inteligível, mas não o *verdadeiro* em si.

Sproul corrobora o argumento anterior, dizendo:

Platão imaginou dois “mundos” diferentes. O mundo ou esfera da realidade principal é o mundo das ideias. Esse lugar metafísico está além ou por trás da esfera das coisas materiais. Para Platão, o mundo das ideias não apenas é real, mas também “mais real” do que o mundo dos objetos físicos.

Para Platão, o mundo das ideias é a esfera do verdadeiro conhecimento. O mundo dos objetos materiais é a esfera da mera opinião (SPROUL, 2002, p.35-36)

A distinção entre os dois mundos foi abordada por nosso filósofo em sua obra A República VII - traduzido por Fabio M. Santos (2021, p. 500 – 508) naquilo que conhecemos como “o mito da caverna”. Platão nos diz sobre os prisioneiros, que desde pequenos estão no fundo de uma caverna; acorrentados de pés e pescoço, tendo atrás de si uma fogueira, e à frente uma parede; ao passo que homens circulam na caverna produzindo sons e trazendo nas mãos objetos de madeira que projetam sombras nas paredes em função da fogueira, os

prisioneiros ao verem e ouvirem tais coisas, vão supondo o que são, e a que se referem.

Platão em A República VII - traduzido por Fabio M. Santos (2021, p. 500 – 508), diz que para os prisioneiros “[...] a verdade seria literalmente nada além das sombras das imagens”. Supondo a libertação de um dos prisioneiros, ele nos expõe a provável dor que aquele sentirá e a estranheza que terá ao pôr seus olhos no fogo e tanto mais se sair ao sol do meio-dia. Imagine esse liberto ouvindo de alguém que tudo o que viu eram apenas sombras, vendo agora de perto os objetos que eram projetados pela luz, vendo o que de fato é real. Ao se acostumar depois de um tempo com o mundo fora da caverna, seguramente retornaria para trazer as notícias aos seus companheiros, todavia, poderia ele ser considerado lunático ou até ser agredido por eles.

Essa alegoria de Platão tem por objetivo ilustrar vários pontos ligados a Teoria das Ideias, dentre os quais se destaca a distinção entre os mundos sensível e inteligível. O mundo sensível é o interior da caverna, onde as pessoas conseguem ver apenas vislumbres, sombras do que realmente é, cópias imperfeitas do que é verdadeiro; o mundo inteligível é o mundo de fora da caverna, onde não somos apresentados às “sombras” das coisas, mas às coisas em si, como são, isto é, as Ideias. O homem que está dentro da caverna se encontra obscurecido de entendimento, enquanto o homem que está fora da caverna é esclarecido e discerne bem as coisas com que se depara. Este é perfeitamente o ponto em que desejo explorar: a postura do homem, frente as duas realidades, sendo uma a do mundo sensível; a outra, do mundo inteligível.

De acordo com o que Platão diz, em A República VII, a prisão dentro da caverna, é o mundo sensível, a luz da fogueira representa o sol, enquanto que a saída da caverna é a ascensão ao mundo inteligível. Para Platão, o mundo do conhecimento, ou seja, o mundo inteligível, só é alcançado depois que um certo esforço é empregado, dando as costas ao mundo sensível.

Tendo em vista a superioridade do mundo metafísico ao mundo físico, deve ele ser a busca de todos os homens, tanto para a ordem do Estado, como nos apresenta Platão, bem como pelo lucro que o indivíduo logrará para si.

Do mesmo modo que o mundo físico não nos fornece a Verdade, o corpo humano por meio dos sentidos é incapaz de nos apresentá-la. Sendo assim,

Platão recorre a alma como instrumento de investigação ao invés dos sentidos como os naturalistas fizeram. Na concepção platônica a apreensão do mundo superior é feita por meio da “ascensão da alma”, ou “reminiscência”. A teoria da reminiscência consiste em que a alma tem origem no mundo das ideias, sendo que esta já possui em si o conhecimento do mundo ideal. O problema, no entanto, reside no fato de que o corpo ao abrigar a alma acaba por obscurecer seu conhecimento, sendo necessário “recordar” o que a alma já sabe.

JUNG E SUA RELAÇÃO COM A TEORIA DAS IDEIAS

A teoria das ideias de Platão configura uma dicotomia entre dois mundos distintos. Sendo o primeiro mundo, o sensível, que corresponde a primeira navegação e ao homem aprisionado na caverna; e o segundo, refere-se ao inteligível, metafísico, que corresponde a segunda navegação e ao homem liberto dos grilhões da caverna. As teorias de Jung seguem estreita relação com essa dicotomia, pois que Jung apresenta em sua psicologia, a distinção de dois indivíduos: a) o ser biopsíquico e; b) o ser espiritual.

Carl Gustav Jung (1875-1961), nascido na Suíça, foi médico psiquiatra, recebeu influências de Pierre Janet e sobretudo de Sigmund Freud, que o considerava seu discípulo. Contudo, Jung rompe sua relação com Freud e sua psicanálise quando lançou o livro, *Símbolos de Transformação*. Dali em diante ele se aprofundou nos estudos mais diversos para conhecer a mente humana e, sobretudo, passou a investigar profundamente a sua própria mente (HALL, 2021). A obra de Jung é muito abrangente, suas contribuições foram profundamente importantes para a Psicologia, sua teoria foi nomeada por ele mesmo de *Psicologia Analítica*, e é o motivo por figurá-lo entre os principais teóricos nesse espaço.

A psicologia analítica ou junguiana, vale lembrar, é uma teoria independente das outras teorias psicológicas e psicanalíticas, portanto, possui termos próprios que a configura. “Na psicologia junguiana, a personalidade como um todo é denominada *psique*” (HALL, 2021, p. 41). Para Jung a busca de todo ser é desenvolver sua psique, ou seja, sua personalidade, até o máximo possível

“nível de coerência e diferenciação” (HALL, 2021, p. 41), mantendo em estado de harmonia das partes que a constituem.

O ser biopsíquico é o equivalente, na linguagem platônica a primeira navegação, ou ao homem aprisionado na caverna. Como foi dito anteriormente, a psique é um todo, constituído por partes diferentes, sendo elas o consciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. Aprofundando um pouco mais nessa divisão podemos perceber, conforme expõe (JUNG, 2017, p. 12), “A consciência é como uma superfície ou película cobrindo a vasta área inconsciente, cuja extensão, é desconhecida”. Ainda de acordo com Jung, vemos o que se diz adiante:

Uma consideração importante sobre a consciência é que não pode haver elemento consciente que não tenha o ego como ponto de referência. Assim, o que não se relacionar com o ego não atingirá a consciência. A partir desse dado, podemos definir a consciência como a relação dos fatos psíquicos com o ego. E o que seria o ego? É um dado complexo formado primeiramente por uma percepção geral de nosso corpo e existência e, a seguir, pelos registros de nossa memória. [...] A força de atração desse complexo é poderosa como a de um ímã: é ele que atrai os conteúdos do inconsciente, daquela região obscura sobre a qual nada se conhece. Ele também chama a si impressões do exterior que se tornam conscientes ao seu contato. Caso não haja esse contato, tais impressões permanecerão inconscientes (2017, p.15).

O eu/ego exerce papel central na psique humana, tendo como matéria prima a consciência que se funde a ele mesmo e ainda possui o papel fundamental de integrar a psique e manter a sanidade do indivíduo, a esse respeito disse Jung “...o eu é um espécie de complexo, o mais próximo e valorizado que conhecemos. É sempre o centro de nossas atenções e de nossos desejos, sendo o cerne indispensável da consciência” (JUNG, 2017, p. 15).

Devemos esclarecer que, quando falamos de ego existe uma relação intrínseca entre o inconsciente coletivo e o inconsciente pessoal, e que os três formam o ser biopsíquico.

Falar sobre os processos do inconsciente é sempre um desafio, pois que, sua dimensão é infindável, e, conforme Jung (2017) afirma, eles “não são imediatamente capitáveis, revelando-se apenas através dos seus produtos, pelos quais inferimos que deve existir uma fonte que os produza” (JUNG, 2017, p. 34). O inconsciente possui duas esferas, são elas: a) *inconsciente pessoal*, sendo aquele que abarca tudo aquilo foi rejeitado ou insuportável pela estrutura denominada “eu” ou “ego; b) *inconsciente coletivo*, possuidor de um acervo

gigantesco, inexplorado pela mente consciente, mas que exerce sobre o eu/ego completa influência, transferindo a este as concepções que podem ou não se tornar conscientes.

Sobre o inconsciente pessoal Jung (2017, p. 34-35) diz, resumidamente:

Apesar de os processos inconscientes não serem diretamente observáveis podemos classificar seus produtos, que atingem o limiar da consciência, em duas classes: a primeira contém material reconhecível, de origem definitivamente pessoal; são aquisições do indivíduo ou produtos de processos instintivos que completam, inteiram a personalidade. Há ainda os conteúdos esquecidos ou reprimidos, mais os dados criativos. Nada existe de peculiar em tais fatores. Em outras pessoas os elementos a que nós estamos referindo podem em tais fatores. Em outras pessoas os elementos a que nós estamos referindo podem ser conscientes; muita gente está consciente de coisas que outras ignoram. Dei a essa classe de conteúdos o nome de mente subconsciente ou inconsciente pessoal, porque, dentro dos limites do nosso julgamento, creio ser tal camada inteiramente composta de elementos pessoais e componentes da personalidade humana em seu todo (JUNG, 2017, p. 34-35).

Portanto, o inconsciente pessoal é formado pelos processos mentais feito pelo indivíduo durante sua vida, sendo baseado nos estímulos aos quais ele foi exposto, bem como, por questões que antes eram conscientes e que agora estão armazenadas por terem sido reprimidas pelo eu. Ele é definido como “pessoal” porque se constrói de modo individual e diferente em cada pessoa.

No que diz respeito ao inconsciente coletivo, baseia-se no que Jung diz adiante:

A seguir há uma outra classe de conteúdo, cuja origem é totalmente desconhecida ou, pelo menos, tais fatores têm origem que não pode em hipótese alguma ser atribuída a aquisições individuais. Sua particularidade mais inerente é o caráter mítico. É como se pertencesse à humanidade em geral, e não a uma determinada psique individual. [...] E também não são adquiridas pelo indivíduo. São próprias da humanidade em geral, sendo, pois, de natureza coletiva (2017, p. 35).

Portanto, inconsciente coletivo diz de algo que vai muito além da apreensão individual, pois abarca um imensurável acervo de conhecimentos e informações, produzidos a partir das experiências humanas durante sua história. Esse inconsciente, presente em todas as pessoas, não é pessoal, não é fruto das experiências individuais, mas das experiências da humanidade, por isso chamado de “coletivo”. O inconsciente coletivo se manifesta por meio dos arquétipos apresentados por Jung. Por ser inconsciente, os conteúdos

arquétipos, influencia a vida e o comportamento humano, sem que necessite que nós percebamos essa influência.

“O arquétipo é um órgão anímico presente em cada um. Ele representa ou personifica certos acontecimentos instintivos da psique primitiva obscura, das verdadeiras invisíveis raízes da consciência” (JUNG, 2002, p. 162).

De acordo com nosso teórico (JUNG, 2002, p. 54), os arquétipos:

São imagens inconscientes dos instintos, representam o modelo básico do comportamento instintivo. Os instintos são fatores impessoais universalmente difundidos nos animais e nos homens e muitas vezes se encontram afastados do limiar da consciência, que a moderna psicoterapia se vê adiante da tarefa de ajudar o paciente a tomar consciência dos mesmos. São forças motrizes especificamente formadas, que perseguem suas metas inerentes antes de toda conscientização, independente do grau de consciência. Podemos admitir sem hesitação que a atividade humana é em grande escala influenciada pelos arquétipos instintivos (JUNG, 2002, p. 54).

Todas as explicações anteriores referem-se à primeira navegação. Elas reforçam que, o indivíduo que não possui consciência da influência instintiva proporcionada pelos arquétipos, está condenado ao aprisionamento materialista, próprio do ser biopsíquico, da primeira navegação.

Vimos, portanto, como ele apresenta os conteúdos conscientes e inconscientes, que formam a psique/personalidade. Na apresentação, sobretudo dos arquétipos vemos nada mais que a primeira navegação, pois que, o “eu” se vê impelido pelos arquétipos, quase sempre sem possuir consciência disso. Os arquétipos são as sombras que os prisioneiros da caverna de Platão viam cintilando e representado a “realidade”.

Partimos agora para a segunda dimensão do pensamento de Jung, que propõem a transcendência do “eu”, ou a morte do velho homem, para que ressurgja o novo ser, denominado “Self” ou “Si-Mesmo”. Esse processo de emergência do Self é possível uma vez que a individuação é realizada progressivamente. Ora, a individuação é a diferenciação das partes da personalidade, é quando as diversas estruturas da personalidade vão se diferenciando dentro de si mesma, de acordo com o que Hall (2021) apresenta.

A individuação faz com que as partes da estrutura do eu aumentem seu limiar de consciência, ou seja, seu repertório, estando assim melhor habilitadas para lidarem com as questões da vida. Hall reforça o que foi dito quando vem nos dizendo que, “o ego individualizado é capaz de proceder a sutis

discriminações entre suas percepções do mundo; ele capta relações tênues entre as ideias e esquadrinha mais profundamente o significado dos fenômenos objetivos” (2021, p. 119). Ainda vale ressaltar que, o processo de individuação é inato, ele se desenvolve sem que seja necessário o incentivo de nossa parte. No entanto, acrescenta-se que, do mesmo modo que se o corpo, destinado a se devolver, não for devidamente nutrido ficará aquém de sua capacidade de desenvolvimento. Assim, também, a personalidade ficará atrofiada, obscurecida, caso não seja devidamente provada, por assim dizer, para atingir a plenitude, e então desabrochar, despertar a estrutura que transcende o ser biopsíquico. Esse despertar que me refiro, é o despertar da consciência espiritual, o Si-Mesmo, ou Self.

Em contrapartida ao ser biopsíquico, Jung apresenta o indivíduo que se baseia no inconsciente espiritual, que a partir do Self irá transcender o materialismo, o mundo sensível e suas atribuições, e se desenvolverá a partir de uma consciência superior, transcendente ao inconsciente pessoal, coletivo e ao ego.

Vejamos Jung introduzindo a função do Self na estrutura psíquica:

Na verdade, poderíamos esperar um efeito considerável, pois os conteúdos integrados constituem parte do si-mesmo. Sua assimilação alarga não somente as fronteiras do campo da consciência como também o significado do eu, principalmente quando este se defronta com o inconsciente sem uma atitude crítica, tal como acontece na maioria dos casos. Nestas circunstâncias, o eu é facilmente superado e se identifica com os conteúdos assimilados. (1986, p. 39)

Portanto, essa fala de Jung, traz à tona o que foi falado anteriormente, refiro-me ao processo de individuação. Este que, só se efetuará quando a estrutura atemporal, inerente a todo indivíduo, for provocada, isto é o Self (Si-Mesmo).

Mas, afinal de contas, o que é o Self ou Si-Mesmo? Nas palavras de Jung podemos ver que:

O Si-Mesmo não é uma doutrina, mas uma imagem que nasce por “operatio naturae” (operação da natureza), como um símbolo natural e além de toda intencionalidade, ocorrendo em todos os casos em que o processo da individualização se torna objeto de exame consciente e sempre que, como nas psicoses, o inconsciente coletivo invade a consciência, inundando-a com seus arquétipos (1990. P. 131).

Jung deixa evidenciado aqui que o Si-Mesmo se manifesta espontaneamente como resultado ou parte integrante no processo de individuação. Pois que, nele, o Si-Mesmo colabora para o emergir do novo ser.

O “Si-Mesmo” volta a sua ilha natal, volta a si mesmo, lutando em meio às turbulências e libertando-se das ilusões do mundo dos doidos, observando-o de longe, sem se envolver. Desse modo ele consegue aquilo que um Jesus ou um Buda realizaram, ou seja, vencer a loucura do mundo e libertar-se dos opostos (JUNG, 1985b: 111).

Semelhante ao contraponto platônico em relação ao mundo sensível, Jung (1985), propõe, por meio do Si-Mesmo, uma fuga da realidade sensível, egóica - formada pelas apreensões que o ego fez a partir das experiências e das identificações arquetípicas, com o mundo espacial temporal. E com isso, se volte para dentro, fazendo emergir, florescer a identidade pessoal, pura, sem a corrupção secular.

VIKTOR FRANKL E A TEORIA DAS IDEIAS DE PLATÃO

Viktor E. Frankl foi médico de formação, e de modo semelhante a algumas figuras do século XX, tal como Jung, optou por aprofundar-se nos textos psiquiátricos e psicológicos da época, nos textos psicanalíticos de Freud e, sobretudo, de Adler. Frankl vivia em Viena, ele era judeu, e, por esse motivo foi deportado para os campos de concentração, durante a segunda guerra mundial com a ascensão de Hitler ao poder da Alemanha nazista. Foi nos campos de concentração, que Frankl (2020) pôde considerar suas teses e submetê-las ao mais decisivo questionamento:

Não haveria ali um mínimo de liberdade espiritual no comportamento, na atitude frente às condições ambientais ali encontradas? Será que a pessoa nada mais é que um resultado de múltiplos determinantes e condicionamentos, sejam eles de ordem biológica, psicológica ou social? Seria a pessoa apenas o produto aleatório de sua constituição física, da sua disposição caracterológica e da sua situação social? (2020, p. 87).

Partindo desse questionamento existencial nos campos de concentração, Frankl, relata no livro, *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* (2020), pertinentes questionamentos, pela sua exclusiva experiência frente ao sofrimento humano.

Nosso teórico, questiona se a vida se limita as reações psíquicas, ao ambiente social, as características biológicas, se a vida humana possui sentido em meio ao mais intenso sofrimento, entre outros condicionantes. Suas postulações, propõem um repensar das máximas: psicanalítica de Freud, a qual sustenta, que o homem é condicionado pela busca de prazer; e, da psicologia individual de Adler, que enfatiza a busca de poder. Ambas as teorias psicológicas refletem o homem preso a caverna, limitado ao mundo sensível, que ainda não conhece o mundo inteligível proposto por Platão, Jung e agora Viktor Frankl

Sem negar as postulações de Freud e Adler, Frankl (2020) acrescenta que a vida não se limita aos instintos, ou seja, a primeira navegação. Mais além disso, a psicologia de Frankl – logoterapia –, aponta para a dimensão espiritual, que corresponde a segunda navegação platônica e ao Self apresentado por Jung. Portanto, partindo dessas duas heranças – psicanálise e psicologia individual - ele estabelece uma nova contribuição ao conhecimento filosófico e psicológico a respeito do ser humano, afirmando que “a busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma racionalização secundária de impulsos instintivos” (ibid., p. 124). Ele ainda explica que essa busca de sentido é individual, sendo assim, cada pessoa possui uma vontade peculiar, que independe das influências ambientais e até das influências instintivas. As conclusões de Frankl, deram origem a logoterapia - terceira escola vienense de psicoterapia -, rememorando, inevitavelmente, a teoria das ideias de Platão e o conceito de Self (Si- Mesmo) da psicologia analítica de Jung, ambos apontando uma dimensão metafísica/transcendente.

Pois bem, a logoterapia, nascida no contexto das psicoterapias vienenses, não poderia fugir a suas influências. Portanto, de acordo com Aquino (2013), foi a partir delas que Frankl estruturou sua teoria inicialmente, no entanto, ao longo do tempo, Frankl rompe com essas duas escolas. O ponto principal de discordância, que diferencia a logoterapia do *zeitgeist* (espírito da época), é a sua ontologia (pensamento a respeito do ser de forma abrangente), pois, para Frankl as psicoterapias propostas a época se restringiam as dimensões biológicas e psíquicas. De acordo com Frankl (2011), elas haviam ignorando a dimensão determinante do ser, isto é, a dimensão noogênica ou noética – em linhas gerais, se define como a dimensão espiritual do homem. (ibid., p. 28), a

respeito dessa dimensão, esclarece dizendo, “é nessa dimensão que os eventos tipicamente humanos devem ser localizados”. (ibid., p. 26), esclarece dizendo: “A visão de homem da logoterapia se sustenta sobre três pilares: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida”. Esses pilares não são de natureza biopsíquica, mas de natureza noética, ou seja, fogem das influências biológicas e psíquicas, projetando-se em o plano espiritual, sendo este superior.

De acordo com Frankl (2020), podemos perceber que a logoterapia, não se restringe apenas as neuroses de natureza psíquica, mas, se estende as neuroses noogênicas. Diferente das neuroses provocadas por conflitos dos instintos e impulsos, as noogênicas, são neuroses cunhadas pelos problemas existenciais, “entre esses problemas, a frustração da vontade de sentido desempenha papel central” (ibid., p. 126).

Não realizar a vontade de sentido resulta no fenômeno que Frankl chama de “vazio existencial”. A consequência do vazio existencial, são dois fenômenos sociais possíveis, o conformismo (fazer o que os outros fazem) e o totalitarismo (fazer como os outros querem que faça). Ambos os fenômenos decorrentes do vazio existencial, aliados aos instintos biológicos e psicológicos explorados pelas escolas de psicoterapia vienenses apresentadas anteriormente, apontam para o interior da caverna de Platão, onde as imagens projetadas na parede pela fogueira são sombras do mundo real, mas não o real em si, onde eles se veem presos pelos grilhões da ignorância ao mundo real, submetidos a primeira navegação.

Com seus estudos, Viktor Frankl (2011), não quer dizer que as afirmações freudianas e adlerianas sejam mentirosas, no entanto, que elas estão incompletas, por não contemplarem a capacidade humana individual de transcender os condicionantes apresentados em suas teorias. Veja o que Frankl diz:

O que importa, logo, não são os condicionantes psicológicos, ou os instintos por si mesmos, mas, sim, a atitude que tomamos diante deles. É a capacidade de posicionar-se dessa maneira que faz de nós seres humanos. A capacidade de oferecer uma atitude diante dos fenômenos somáticos e psíquicos implica a elevação a um outro nível e a abertura a uma nova dimensão, à dimensão dos fenômenos noéticos, ou dimensão noológica – em distinção à biológica e à psicológica (2011, p. 27 – 28).

Essa capacidade, na qual ele fala, é a busca por sentido inerente a todo ser humano, sendo essa capacidade inalienável. Portanto, mesmo que o ser humano seja colocado ao estado mais cruel do ponto de vista biológico, psicológico, material, cultural e ambiental, ele, contudo, não perderá a liberdade da vontade, a vontade de sentido e nem mesmo a sua busca pelo sentido da vida, prova disso, é a vida do próprio teórico em questão que esteve em quatro campos de concentração nazista, exposto a tais condições.

As concepções teóricas de Frankl e suas experiências nos campos de concentração, nos mostram como o ser humano é capaz de transcender a si próprio. Isso ocorre quando, no processo de distanciamento das realidades sensíveis, biológicas e psíquicas, o ser humano desperta a consciência de si, o Self, e transcende a si próprio. Essa autotranscedência é a prova da liberdade da vontade, ou seja, é possível que se supere os fatores condicionantes. Reforça também a vontade de sentido, sem a qual a autotranscedência não seria possível, sendo esta vontade, o “trampolim” para a dimensão noológica onde o ser humano encontra o sentido da vida, da sua vida, individualmente, vale lembrar.

CONCLUSÃO

Dado o exposto, fica evidenciado no presente artigo, que as teorias filosóficas e psicológicas apresentadas, convergem ao mesmo ponto. Em síntese, tanto Platão, quanto Jung e Frankl, fazem a separação entre dois mundos ou dimensões, sendo que a primeira dimensão é fundamentada no mundo capitado pelos sentidos, já a segunda dimensão é o mundo transcendente, ou seja, a segunda navegação de Platão e a consciência do Self de Jung e Frankl.

É unânime entre os teóricos (Platão, Jung e Frankl) que a vida precisa ser pautada na dimensão metafísica/espiritual, apreendida não pelos sentidos ou pelos instintos do ser biopsíquico, mas pela dimensão noológica – que diz respeito a dimensão espiritual, não o religioso, mas a dimensão espiritual própria do ser humano (Frankl, 2021).

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Thiago A. A. **logoterapia e análise existencial**: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2013.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2020.
- _____. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2011.
- HALL, Calvin S. **Introdução a Psicologia junguiana**. São Paulo: Cultrix, 2021.
- JUNG, Carl G. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferências**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- _____. **Aion estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. **O espírito na arte e na ciência**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- _____. **Os Fundamentos da Psicologia Analítica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- PLATÃO. **A República**. Jandira, SP: Principis, 2021.
- _____. **Diálogos III- Socráticos**: Fédro (ou do Belo); Eutífron (ou da religiosidade); Apologia de Sócrates; Críton (ou do Dever); Fédon (ou da Alma). São Paulo. Edipro. 2015.
- REALE, Giovane. **História da filosofia grega e romana**. vol. III. São Paulo. Edições Loyola. 2014.
- SPROUL, R. C. **Filosofia para iniciantes**. São Paulo. Vida Nova. 2002.